

apesar de a região ter apenas 10% da vinha nacional. Não escaparam, porém, à redução dos preços imposta pela crise.

João Portugal Ramos afirma que a qualidade mora nas províncias transtaganas e é reconhecida pelo consumidor. «É a grande região de vinhos de Portugal e o resto é conversa. Não me venham com o Douro. Quando se fala de vinhos do Douro fala-se de 10, 15% da produção. Quando se fala do Alentejo, fala-se no todo. As cooperativas alentejanas são as que, para todos os efeitos, têm funcionado.»

O elogio que faz às cooperativas é temperado pela crítica dura à cedência destas aos preços baixos impostos pela distribuição. «Os vinhos do Alentejo deram o grande salto através das cooperativas. O que têm vindo a fazer nos últimos três ou quatro anos é um tiro no pé. Deveriam arquitetar uma política concertada de manutenção dos níveis de preços em Portugal, onde têm o grande mercado. Trabalhei 17 anos numa adega cooperativa e afinavam-se as tabelas de preços. O que andam a fazer é canibalizar os negócios uns aos outros.»

O País não se imporá internacionalmente como produtor sem ajuda do Governo. É dinheiro para promoção que pede, após a tentativa mal-sucedida de maior penetração nos mercados dos EUA e Reino Unido, recomendada pelo relatório Porter. (Estudo encomendado pelo Executivo para apontar os males da produção vinícola e forma de os superar). Enquanto o desafio da exportação não é vencido, prevê muito abandono de vinha no País mas não no Alentejo. Acha que o investimento, inclusivamente estrangeiro, neste sector na região está para durar. «Aqui pode haver negócio dos vinhos. Nas outras regiões duvido. É fácil dizer que na região A, B ou C há um vinho excepcional. Há um ano bom e depois três menos bons. Aqui no Alentejo, em cada dez há um menos bom. Além de que todo o consumo está muito mais orientado para vinhos tipo Alentejo, com a fruta muito à frente, vinhos fáceis de beber quando são novos, do que para vinhos rebuscados, com taninos, que se forem guardados mais cinco anos ficam bons.»

O nosso futuro está nesses vinhos que querem tempo para se revelar. Entretanto, a afirmação do País terá de ser feita com os «vinhos fáceis de beber». João Portugal Ramos explica: «À medida que o mundo nos for reconhecendo como produtor de vinhos de qualidade, voltaremos às raízes, às regiões pequeninas e à especificidade dos vinhos. Hoje é um erro começar por aí. Temos de resolver o problema rapidamente, enquanto isto não fica pior.»



## PAIXÃO PELO DÃO

**PARA VIRGÍLIO LOUREIRO, NÃO HÁ VINHO COMO O DO DÃO. ABENÇOADA COM O CLIMA E O SOLO, A REGIÃO TEM DE VENCER O INDIVIDUALISMO E A IGNORÂNCIA PARA QUE A VINHA NÃO SE ESVAZIE DE GENTE.**

**E**m certos círculos chamam-lhe «bota-de-elástico», mas isso não o incomoda. Diz que está acompanhado por quem julga mais conhecedor. O facto é que, aos 55 anos, o professor universitário Virgílio Loureiro não só é reconhecido nacional e internacionalmente pela investigação da história da vinha em Portugal desde meados do século XIX como pelos vinhos a que deu alma na sua região predilecta, o Dão. Sustenta a primazia dos vinhos do Dão e afirma que a Bairrada é a zona em melhores condições para concorrer com a dele. «Quando se diz isso ao grande público, toda a gente se fica a rir. A razão é simples. Os vinhos do Dão e da Bairrada de excepcional qualidade são, para mim e para alguns especialistas, os melhores vinhos do País. Porém, a maior parte dos consumidores não os conhece ou não sabe dar-lhes valor. Jancis Robinson rende-se aos vinhos do Dão, da Bairrada e acima de tudo aos míticos vinhos do Palácio do Buçaco, que são um lote de vinhos do Dão com vinhos da Bairrada.»

O clima – mais agreste no Dão, mais ameno na Bairrada – entre o Douro e o Mondego é que faz a diferença. Durante a vindima, à noite, o frio pára a degradação dos ácidos da uva. «As uvas amadurecem lenta e sofridamente. Sofrem muito calor durante o dia e já apanham muito frio à noite, ao contrário do Alentejo e do Douro, onde as noites são quentes. Daí que os vinhos resultantes sejam pouco ácidos. Nem no Dão nem na Bairrada os vinhos perdem essa acidez, agreste nos primeiros meses de vida. Para os palatos mais sensíveis e menos conhecedores, torna os vinhos adstringentes e desagradáveis, mas quem valoriza o que isso quer dizer sabe que tem de esperar mais um pouco...»

Tem conhecimento de causa para falar. Nos anos 90, foi sócio da empresa que criou o

*Quinta das Maias* e esteve na Quinta dos Roques. Na Quinta de Cabriz esteve sete anos, «associado ao grande crescimento que a empresa teve», antes de mudar para a Casa da Insula. Depois de uma temporada fora do Dão, está desde há dois meses a iniciar um projecto na Casa de Santar.

Abençoado com o clima e o solo, o Dão tem, porém, segundo o enólogo, «o problema dramático do Portugal profundo. «É uma maneira de ser medieval, onde o individualismo é a palavra de ordem, a ignorância vem logo a seguir e a inveja é atributo quase generalizado. Não existe coesão como no Alentejo. Aí há unidade. O fatalismo das pessoas faz com que sejam muito mais solidárias, mais amigas entre si. No Dão, na Beira Interior, em Trás-os-Montes, a vida é outra.»

Os vinhos do Alentejo têm uma quota média do consumo nacional de 43,2% e só agora, com a saturação do mercado, estão a enfrentar o desafio da exportação. Loureiro diz que o Alentejo não terá problemas. «Acreditam na competência dos técnicos. Vão buscar os melhores para o fazer e equacionar a exportação. No Dão e nas outras regiões, ao nível de adegas cooperativas, qualquer presidente passa a saber de tudo depois de eleito. Continua sem saber línguas apesar de ir a todas as feiras internacionais. Vai mudo e sai calado. Mas passeia e, quando cá chega, julga-se um iluminado. Este é o drama que não existe no Alentejo.»

É preciso profissionalizar as direcções das cooperativas no Dão. «Em muitos concelhos, a adega cooperativa é a maior empresa. Movimentam milhões de contos e não têm gestores à frente. Muitas delas nem técnicos têm. O problema é estrutural. As empresas não são governadas. E depois há a tal psicose do subsídio. O vinho em Portugal só conseguirá vencer se não precisar de subsídio.» ■